

**ARTIGO**

*Gibbon, o paganismo e o cristianismo.*

José Antonio Dabdab TRABULSI

Professor da UFMG

**Resumo:**

Neste trabalho tento mostrar como a Antiguidade clássica, anterior ao cristianismo, funcionou como arma de luta para o pensamento iluminista. Com Gibbon se estabelece o que será a relação de força predominante na época contemporânea entre a história e a religião, ou seja, afirma-se uma interpretação histórica da religião, em lugar de uma interpretação religiosa da história.

**Parte 1: Gibbon, o cristianismo e as Luzes.**

Edward Gibbon, autor da *História do declínio e da queda do Império Romano*, é uma figura do século das Luzes, e não pode ser compreendido a não ser em referência aos problemas, às conquistas, às incertezas desta época. Situar Gibbon no seu tempo é também avaliar o alcance da sua contribuição intelectual, sem esquecer seus limites. Em matéria filosófica, por exemplo, pelo menos tanto quanto na sua vida particular, Gibbon foi um herdeiro. Como mostrou A. Momigliano:

Gibbon não pode pretender nenhuma originalidade em matéria de idéias filosóficas, e nem ele teria pensado nisso. Sua fé na razão humana, seu vago deísmo, seu ódio em relação à superstição, à intolerância, à crueldade, lembram claramente Voltaire.<sup>1</sup>

Gibbon partilhava com muitos dos seus contemporâneos e precursores, um ceticismo muito estruturado em matéria de religião. E, para ele, o classicismo era uma espécie de ponte lançada por sobre

---

**NOTAS:** Com o objetivo de tornar as notas menos pesadas, e não cansar o leitor remetendo-o a cada instante às notas, optamos por inserir no texto as referências às passagens de Gibbon. Assim, Mem. (*Memórias*) se torna a abreviação de E. GIBBON (1992).

<sup>1</sup> A. MOMIGLIANO (1983), p. 331.

o abismo do milênio cristão. Sua inspiração para escrever o *Declínio e queda* vem a ele em Roma, com sua visão dos “intrusos” cristãos no próprio santuário da Antiguidade pagã. Sua inspiração é um tipo de apelo ao dever filosófico. Como disse P. Gay:

E então Gibbon resolveu estudar como aquela cidade, o lar do primeiro Iluminismo, caiu nas mãos dos mercadores da fé.<sup>2</sup>

Gibbon tinha recebido uma influência direta de Shaftesbury, de Middleton, no sentido de uma crítica da religião.<sup>3</sup> Isso de maneira mais imediata. De forma mais longínqua, ele participou dos benefícios do desenvolvimento das ciências e dos conhecimentos em geral, a partir do Renascimento, que inspirou nos filósofos um grande otimismo intelectual, se bem que Gibbon seja, neste particular, um caso um pouco à parte. M. Baridon mostrou muito bem que Gibbon fez uma escolha nessa herança renascentista, encontrando-se muito mais próximo de Petrarca, Bocácio e Maquiaval do que, por exemplo, de um Dante, ainda muito ligado ao transcendentalismo medieval.

Grande admirador da Antiguidade, Gibbon vive uma época de declínio do latim. Para citar apenas o caso de Lausanne, tão importante na sua formação, podemos ver claramente que, no século XVIII, o que avança é a história moderna, com a criação de uma cátedra “laica”. Neste particular, nós podemos nos sentir próximos de Gibbon, que sentia a sua época como um momento de “crise dos clássicos”. Gibbon deplora, por exemplo, o estado da Academia das Inscrições, dizendo que:

(...)um século filosófico negligenciou o saber e a língua da Grécia e de Roma.<sup>4</sup>

Se é verdade, por um lado, que Gibbon vai buscar seus instrumentos lá onde ele pensa que eles se encontram, quer seja em Bayle ou em Tillemont, ele, por outro lado, sabe muito bem quem está na ofensiva

---

<sup>2</sup> P. GAY (1966), p. 58.

<sup>3</sup> M. BARIDON (1977), p. 341.

<sup>4</sup> A. MOMIGLIANO (1983), p. 323.

e quem é atacado. Ele não tem medo se imiscuir nas querelas parisienses, aliando-se à Academia das Inscrições contra a “*cotterie holbachique*”.<sup>5</sup>

A teoria da religião de Gibbon é buscada principalmente em D. Hume; ele se afirma como um deísta preocupado em se distinguir dos materialistas mais inflexíveis.<sup>6</sup> É no caminho aberto por Hume que podemos situar a pesquisa de Gibbon sobre as *causas humanas* dos progressos do cristianismo. Mas, com antigos materiais, ele fará uma obra nova, e, no seu *Declínio e queda*, Gibbon vai se afirmar como um grande precursor na obra de secularização, não apenas da história em geral, o que já estava em curso havia muito tempo, mas da própria história da Igreja cristã.

A grande oposição binária que organizava o pensamento das Luzes era a oposição entre razão e fé. Esta oposição de base se desdobrava numa infinidade de oposições derivadas. Assim, por exemplo, para Gibbon, tudo o que se refere à santidade pertence ao domínio das lendas, e nós veremos a aplicação corrosiva que ele faz da oposição entre milagres e relíquias de um lado, e verdade histórica do outro, ao longo do *Declínio e queda*. O conhecimento em geral, e, sobretudo, o conhecimento do passado, são para Gibbon o equivalente a uma libertação (em relação ao poder da Igreja).<sup>7</sup> Esta oposição geral era acompanhada da reivindicação de um monopólio filosófico que excluía os cristãos. Para os filósofos, os homens enredados no mito tinham o mito (e não a verdade) como valor mais elevado. Como diz P. Gay:

Estava reservado a homens vivendo num clima de criticismo a tarefa de transformar preceitos em princípios de vida, o que equivale a dizer que para os filósofos apenas um pagão poderia ser um genuíno filósofo.<sup>8</sup>

Esta convicção se torna uma segunda natureza em homens como Voltaire ou Gibbon; neste último, até o estilo se torna um elemento de acusação. Para dar aqui apenas um exemplo, sua maneira de indicar, para as ações dos personagens de sua história,

---

<sup>5</sup> M. BARIDON *In* E. GIBBON (1983), v. 1, p. XVIII.

<sup>6</sup> M. BARIDON (1977), p. 285.

<sup>7</sup> *Ibid.*, p. 436, 133.

<sup>8</sup> P. GAY (1966), p. 151.

motivos casados (“por convicção ou por medo”, “por piedade ou por prudência”, etc.), se, por um lado, permite uma abordagem compreensiva do comportamento humano, por outro lado sugere também um grande cinismo.<sup>9</sup> Ora, isto é incompatível com a fé. É aqui que encontramos a grande força das Luzes: a idéia de que não há conciliação possível entre a filosofia e o cristianismo.<sup>10</sup>

Gibbon não inovou na escolha do seu tema histórico, tanto quanto não inovou em matéria de idéias filosóficas. O seu exemplo é encorajador para os historiadores de todas as épocas, que temem escolher um assunto muito importante mas também já muito estudado. O problema que mais tarde ficou conhecido como “*Gibbon’s problem*” era, em verdade, herdado de dois séculos de reflexão.<sup>11</sup> E ele tinha se afirmado como uma das grandes inquietações históricas e filosóficas da época. O triunfo do cristianismo é um fato histórico que incomoda os homens do século XVIII. Gibbon é tributário de Voltaire e Montesquieu, nas suas idéias sobre a decadência de Roma. Além da obra muito conhecida de Montesquieu, as relações entre a destruição de Roma e a difusão do cristianismo encontravam-se explicitamente colocadas no *Essai sur les Moeurs* (capítulos XI e XII) de Voltaire. Veremos nos capítulos seguintes que a “inspiração” para escrever o *Declínio e queda* foi, no fundo, uma recusa do cristianismo.<sup>12</sup>

Para Gibbon e os *Philosophes*, os Padres da Igreja asseguraram a vitória da fé através da destruição do espírito clássico. Só resta a Gibbon descrever a vitória da barbárie e da religião, intimamente associadas, na luta contra o classicismo pagão. Esta vitória é uma derrota para as ciências e a filosofia. Para Gibbon:

No decorrer de dez séculos não foi feita uma só descoberta para exaltar a dignidade ou promover a felicidade da humanidade. Nem uma simples idéia foi acrescentada aos sistemas especulativos da antiguidade, e uma sucessão de pacientes discípulos tornaram-se por sua vez os dogmáticos professores da geração servil seguinte. Nem uma simples composição de história, de filosofia ou literatura foi salva do esquecimento pelas belezas

---

<sup>9</sup> *Ibid.*, p. 158.

<sup>10</sup> *Ibid.*, p. 320.

<sup>11</sup> M. BARIDON in E. GIBBON (1983), v. 1, p. VIII.

<sup>12</sup> A. MOMIGLIANO (1983), p. 329.

intrínsecas de estilo, ou sentimento ou originalidade, ou até de imitação bem sucedida.<sup>13</sup>

Esta visão está presente em todo o relato sobre a queda do Império do Ocidente, mas também na segunda parte da obra, onde é perceptível no julgamento sempre desfavorável a um Estado teocrático como Bizâncio.<sup>14</sup> Esta incompatibilidade entre a fé e um Estado bem organizado já se tinha manifestado ao longo da análise da oposição entre cristianismo e virtudes cívicas, que atingirá um clímax no estudo do movimento monacal.

Para um grande número de *Philosophes*, e para Gibbon em especial, na oposição entre a Antiguidade clássica e a religião cristã, quer seja do ponto de vista moral, estético ou filosófico, o bom papel está sempre do lado do paganismo. Assim, por exemplo, o paganismo é apresentado como um “sistema risonho”, a arte pagã como cheia da alegria de viver, enquanto que a arte cristã é dominada pelo gosto do macabro.<sup>15</sup> Gibbon segue Voltaire ao colocar a tolerância, um dos seus valores mais elevados, do lado do paganismo; e, do lado do cristianismo, ele coloca a loucura horrível das guerras de religião.<sup>16</sup> Enquanto que um Locke tinha sido severo com a Antiguidade, Gibbon, ainda que recusando um culto servil dos Antigos, considerava “*nature and Antiquity*” como “as duas grandes fontes do conhecimento”.<sup>17</sup> A “ciência” (*Nature*), é outro dos seus grandes valores, e ela acompanha sempre a Antiguidade. O sagrado, para ele, está do lado oposto do “espírito de enquete” inventado pelos Gregos, que está na fonte de todo humanismo. Segundo Gibbon:

Os filósofos da Grécia deduziram sua moral da natureza do homem antes que da de Deus.<sup>18</sup>

Apesar dos “vícios” da Antiguidade pagã, Gibbon concebeu o *Declínio e queda* como uma tragédia, reconhecendo que mesmo com

---

<sup>13</sup> P. GAY (1966), p. 213.

<sup>14</sup> M. BARIDON in E. GIBBON (1983), v. 1, p. XXIX.

<sup>15</sup> M. BARIDON (1977), p. 782.

<sup>16</sup> *Ibid.*, p. 428.

<sup>17</sup> P. GAY (1966), p. 70.

<sup>18</sup> P. GAY (1966), p. 73.

os seus erros ela foi uma tentativa de fundar uma civilização sobre a razão e não sobre o mito ( no sentido de “mito” cristão).<sup>19</sup>

O paganismo é, para Gibbon, um sistema racionalista e viril;<sup>20</sup> sua admiração estética pela mitologia grega não se apagará nunca na sua obra.<sup>21</sup> É verdade que, como mostrou A. Momigliano,<sup>22</sup> o paganismo dos livre pensadores do século XVIII é um paganismo escolhido e expurgado; eles tomavam de empréstimo o que lhes interessava, como as idéias dos filósofos antigos ou as maravilhas das belas artes, e esqueciam o que não convinha, como o sacrifício sangrento, os ritos extáticos, a exposição de crianças, etc. Enquanto isso, para o cristianismo, o procedimento era inverso: eles só chamavam a atenção para o lado sombrio. Isto é verdade, mas não devemos esquecer que o debate se insere numa relação de força e de luta entre os *Philosophes* e os pensadores cristãos, num combate muito difícil.

Era um combate, e era percebido como tal. Para Gibbon, o meio de participar da ofensiva contemporânea contra a religião cristã foi estudar a emergência do cristianismo em Roma. Mas, este conflito por vezes atravessava a própria personalidade dos filósofos, divididos entre sua formação e suas convicções. Desta forma, Gibbon se manifestará algumas vezes contra o “ateísmo” dos filósofos de Paris.<sup>23</sup>

Os filósofos, inclusive Gibbon, trataram o fato cristão como um inimigo, enquanto que no *Ensaio sobre o estudo da literatura*, Gibbon afirma que os inimigos da religião são incapazes de conhecê-la, pelo fato de que a odeiam, e que a odeiam pelo fato de não conhecê-la;<sup>24</sup> o que mostra um forte debate interior. P. Gay mostrou muito bem<sup>25</sup> as dificuldades de uma conversão “interna” (de uma confissão cristã para outra) no século XVIII, chamando a atenção para o fato de que a escolha do paganismo, do materialismo ou do

---

<sup>19</sup> *Ibid.*, p. 207.

<sup>20</sup> M. BARIDON (1977), p. 700.

<sup>21</sup> *Ibid.*, p. 131.

<sup>22</sup> A. MOMIGLIANO (1983), p. 335.

<sup>23</sup> P. GAY (1966), p. 400.

<sup>24</sup> *Ibid.*, p. 210.

<sup>25</sup> *Ibid.*, p. 60.

deísmo, era ainda mais difícil; mas era uma escolha de *liberdade*. E, quanto a Gibbon, podemos constatar esta escolha muitas vezes, seja na sua conversão e reconversão juvenil, seja na sua opção anti-cristã no *Declínio e queda*.

Para Gibbon, um fiel pode ter qualidades **apesar** da sua fé. Assim, Beausobre “é protestante apesar de filósofo”, assim como seu caro guia, Tillemont, “cujo caráter beato é contrabalançado pelos méritos de erudição, diligência, veracidade e exatidão escrupulosa”.<sup>26</sup> Do ponto de vista prático, o combate anti-religioso é ainda difícil no século XVIII. Assim, por exemplo, a cronologia “laica” da história antiga ainda não foi construída, e perturba o sono (literalmente) de Gibbon:

(...)as dinastias da Assíria e do Egito eram a minha preocupação principal; e o meu sono foi perturbado pela dificuldade em reconciliar a versão grega do Antigo Testamento com a contagem dos Hebreus.<sup>27</sup>

O declínio da autoridade do Antigo Testamento enquanto relato histórico é rápido, mas o que resta dela ainda é suficiente para impedir nosso autor de dormir tranqüilamente.

Este combate contra uma parte de si mesmo é claro em certos momentos importantes da vida de Gibbon. Entrando em Oxford (na época, muito em baixa) e negligenciado pelos seus mestres, Gibbon, que vem de uma família conservadora, busca contestar as opiniões de Middleton sobre o cristianismo; ele constata que quem melhor faz isso são os católicos; ele então se converte: escândalo, perigo político para sua família, e ele é rapidamente enviado a Lausanne. Vemos, aliás, neste e em outros episódios, que o jovem Gibbon era, desde muito cedo, preocupado com a religião.<sup>28</sup>

Muito mais tarde, nos anos que precedem a publicação do primeiro *in-quarto* do *Declínio e queda*, Gibbon entra numa loja maçônica.<sup>29</sup> Foi, de certa forma, uma maneira de se proteger dos ataques que ele sente que virão, cercando-se de pessoas mais suscetíveis de compreender suas posições. Uma vez o escândalo

<sup>26</sup> *Ibid.*, p. 368-370.

<sup>27</sup> *Ibid.*, p. 87.

<sup>28</sup> M. BARIDON in E. GIBBON (1983), v. 1, p. XIV.

<sup>29</sup> M. BARIDON (1977), p. 144.

realmente desencadeado, com a publicação do primeiro *in-quarto* e seus famosos capítulos XV e XVI sobre o cristianismo, Gibbon fingirá surpresa. Mas ele não podia negar que esperava tal reação, já que confessa que esses capítulos foram os mais trabalhados (reescritos, condensados) de toda a obra. Gibbon vive uma grande angústia interior. Ele é acusado de favorecer o paganismo.<sup>30</sup> E se defende, escondendo-se atrás de uma afetação de cristianismo, presente várias vezes no seu relato. E, em verdade, na vida social, Gibbon era um cristão. Este cristianismo proclamado por Gibbon é um indício do funcionamento do século XVIII, época em que, até os “cristãos” (os não ideólogos, é claro) trabalhavam a favor da razão e, no limite, do ateísmo. Segundo P. Gay,<sup>31</sup> os Filósofos pagaram um preço pelas relações mantidas com o cristianismo, mas os cristãos pagaram um preço muito mais elevado ao se deixar levar pela armadilha; ele foram postos na defensiva, e viram ser desviada e instrumentalizada para seus fins, por filósofos como Gibbon, a imensa erudição que eles tinham desenvolvido a fim de demonstrar a verdade histórica da religião cristã.

O que fez das Luzes uma força revolucionária, segundo P. Gay,<sup>32</sup> foi sua recusa em admitir que poderia haver uma conciliação entre Filosofia e Cristianismo. Ao abade de la Bletterie, que desejava ver o aparecimento de um “teólogo filósofo”, Gibbon responde considerando este ser hipotético como um “estranho centauro”. Confiantes em sua “crença”, os filósofos “missionários” podiam aceitar que um Locke ou um Pascal tivessem acreditado na Revelação, e ver este fato como um lapso lamentável que provava apenas a fraqueza do intelecto humano, mas que não alterava nada quanto ao fundo da questão.

Gibbon é um “clássico”. Suzanne Curchod, a jovem de Lausanne que quase se tornou Madame Gibbon, e que mais tarde se tornou Madame Necker, percebeu muito bem seu classicismo. Ela indicou Tácito como “o modelo e talvez a fonte” de Gibbon.<sup>33</sup> O próprio Gibbon homenageia Tácito, chamado de verdadeiro

---

<sup>30</sup> *Ibid.*, p. 162.

<sup>31</sup> P. GAY (1966), p. 388.

<sup>32</sup> *Ibid.*, p. 320.

<sup>33</sup> *Ibid.*, p. 117.

“historiador filósofo”, “o primeiro dos historiadores a aplicar a ciência da filosofia ao estudo dos fatos”,<sup>34</sup> fazendo dele seu precursor. Mas, sua admiração não se limita a Tácito. Nas suas andanças militares da época em que esteve na Milícia, ele carregava autores clássicos; desde criança, aliás, ele era ávido por leituras de autores da Antiguidade. Gibbon é um “clássico” nesses tempos em que vemos surgir o romantismo. Ele está do lado dos “Antigos” contra os “Modernos”; seu *Ensaio* é uma defesa dos valores clássicos e, para Gibbon, o valor da literatura antiga deriva sobretudo da mitologia do paganismo.<sup>35</sup> Seu estilo como escritor, com os motivos binários, é típico do classicismo.<sup>36</sup> E Gibbon preserva a idéia essencial da historiografia clássica, ou seja, “a arte do relato circunstanciado”.<sup>37</sup>

E não são apenas o estilo e a língua que são clássicos, as idéias sobre a natureza humana também o são. A uma noção de natureza humana perfectível, partilhada por muitos filósofos, Gibbon opõe a noção de uma natureza humana fixa<sup>38</sup> que, desde Tucídides, dava sentido ao trabalho dos historiadores. O classicismo de Gibbon, de formação e também de convicção, não deixa de ter repercussões sobre suas idéias políticas. M. Baridon mostrou<sup>39</sup> que a personalidade de Gibbon era dividida entre dois pólos: o pólo franco-helvético, onde ele buscava suas idéias de liberdade, Luzes e crítica, e o pólo inglês, onde ele buscava respeitabilidade social, ordem e tranquilidade material.

Em relação à religião, é interessante observar que, o que quer que diga, a religião permanece a seus olhos algo de socialmente útil e necessário, garantia de paz pública e moralidade social. E isso, aliás, desde os tempos do paganismo:

Os vários tipos de crença que prevaleceram no mundo romano foram todos considerados pelo povo como igualmente verdadeiros, pelo

---

<sup>34</sup> *Ibid.*, p.159.

<sup>35</sup> M. BARIDON (1977), p. 269.

<sup>36</sup> M. BARIDON in E. GIBBON (1983), v. 1, p. XXXII.

<sup>37</sup> A. MOMIGLIANO (1983), p. 334.

<sup>38</sup> M. BARIDON in E. GIBBON (1983), v. 1, p. XXXI.

<sup>39</sup> M. BARIDON (1977), p. 299.

filósofo como igualmente falsos, e pelo magistrado como igualmente úteis.<sup>40</sup>

Gibbon tem uma consciência muito clara do papel do seu trabalho de historiador. Numa carta a seu amigo de Lausanne, Dayverdun, ele escreve que “um historiador é sempre até um certo ponto um político”.<sup>41</sup> E nós podemos estar seguros que ele não formula suas frases aleatoriamente. Há, de forma muito perceptível em Gibbon, uma distância entre o seu pensamento liberal e libertário, e suas opiniões em política, que são conservadoras. Isso não é novidade na família Gibbon, já que Edward Gibbon I, seu avô, era liberal nos negócios e *tory* em política.

Assim, Gibbon transporá de Roma para a Inglaterra (e vice-versa) a idéia segundo a qual liberdade política e propriedade da terra andam sempre juntas.<sup>42</sup> Gibbon, que viveu enquanto membro do Parlamento (1774-1780) a crise da independência americana, e apesar de pensar que a situação era irreversível, apoia a política colonial e ressentido os fatos como uma grande perda para a Inglaterra. O que não deixa de ter conseqüências na sua obra, já que isso ocorre nos mesmos anos (a partir de 1773) em que redige o primeiro *in-quarto* do *Declínio e queda*. Roma e a Inglaterra fornecem-lhe um belo paralelo.

Em política interna ele não é mais “progressista” que em política internacional. Ele se manifesta violentamente<sup>43</sup> contra as revoltas do início da revolução industrial. Quanto a esta, ele se limita a elogiar as promessas que a técnica augura para a humanidade, e a seguir as idéias de Adam Smith. Gibbon é um homem do sul, que não conhece pessoalmente o que se passa nesta nova Inglaterra ao norte de Londres.

Finalmente, sua atitude frente à Revolução francesa é sem ambigüidade: ele é contra e, sobre este assunto, ele se coloca na mesma posição de Burke...<sup>44</sup> Gibbon permanece muito desconfiado

---

<sup>40</sup> P. GAY (1966), p. 156.

<sup>41</sup> M. BARIDON (1977), p. 167; M. BARIDON in E. GIBBON (1983), v. 1, p. XX.

<sup>42</sup> M. BARIDON in E. GIBBON (1983), v.1, p. XIII.

<sup>43</sup> M. BARIDON (1977), p. 560.

<sup>44</sup> M. BARIDON in E. GIBBON (1983) v. 1, p. XXII; M. BARIDON (1977), p. 229.

em relação a qualquer ação política de massa, e vemos isso várias vezes no seu relato sobre a história romana. Ele gosta da liberdade à moda inglesa, com ordem. Ele não hesita, inclusive, em recorrer à filosofia política antiga contra o igualitarismo cristão, por exemplo.<sup>45</sup> Liberdades, sim, mas burguesas, e racionais. Aliás, vemos claramente, na sua análise do paganismo, que Gibbon não aprecia o irracionalismo do culto báquico.<sup>46</sup>

Gibbon é um autor a uma só vez muito enraizado no século XVIII, e que terá uma longa posteridade nos séculos XIX e XX. Sua contribuição mais fundamental foi, sem dúvida, a distinção que ele consolidou e que se tornou irreversível mais tarde, entre história sagrada e história profana.<sup>47</sup> O sagrado perde sua autonomia, e sua história não apenas não engloba mais a história profana, mas é por sua vez englobada por ela. Tucídides escreveu a história sem os deuses; Gibbon escreve a história de Deus na sua ausência.

E o mais perverso nesta história, é que a erudição cristã tinha preparado o caminho, com a teoria segundo a qual a ação divina podia se produzir pelo intermédio de “causas secundárias”,<sup>48</sup> abrindo assim o espaço para o rigor crítico. Gibbon se aproveitará desses tesouros da erudição para dar peso ao “equipamento ligeiro” dos filósofos. É, sem dúvida, por causa da erudição que as teorias dos filósofos se tornam, em Gibbon, tão mais convincentes.

Segundo A. Momigliano,<sup>49</sup> Gibbon se tornou no século XIX um modelo de história narrativa, “apesar” de suas prevenções anticristãs. “Apesar”? Ou “por causa de”? O discurso iconoclasta de Gibbon será pão bendito para todos os combatentes da liberdade. Burckhardt seguirá seu julgamento severo sobre o cristianismo; até J. Bernays, o primeiro grande especialista judeu da Antiguidade clássica, partilhará o ponto de vista de Gibbon.<sup>50</sup> Sem falar de todos os anticlericais por vir, que encontrarão nas análises de Gibbon sobre a igreja cristã um rico tesouro de argumentos polêmicos. Na

---

<sup>45</sup> M. BARIDON (1977), p. 728.

<sup>46</sup> *Ibid.*, p. 740.

<sup>47</sup> A. MOMIGLIANO (1983), p. 336.

<sup>48</sup> P. GAY (1990), p. 41.

<sup>49</sup> A. MOMIGLIANO (1983), p. 344.

<sup>50</sup> *Ibid.*

Inglaterra seu prestígio foi tal que, a época vitoriana, vendo que ele não era esquecido, assepsizou-o, publicando uma versão do *Declínio e queda* “sem blasfêmias e sem obscenidades”.<sup>51</sup> Já muito antes, em 1812, Guizot, seu tradutor francês, fazia no prefácio ao livro de Gibbon o elogio da obra, mas emitia “reservas” freqüentes sobre as opiniões do autor. E não se deve excluir a possibilidade de que na época atual, onde o fato religioso retorna com força (provisória? durável?), Gibbon provoque outra vez algumas polêmicas, que incomode certas sensibilidades, que “ofusque” ainda, como ele mesmo dizia nas suas memórias. Seria a prova de que Gibbon continua muito vivo...

## **Parte 2: Sobre a vida e algumas idéias de E. Gibbon, a partir de suas *Memórias*.**

Edward Gibbon é uma figura do século das Luzes; nascido em Putney, em 8 de maio de 1737, morto em Londres, em 16 de janeiro de 1794, ele viveu todas as inquietações e todas as grandes conquistas intelectuais do século. É raro que nós tenhamos para o estudo dos grandes intelectuais o que nós temos para Gibbon: além do seu trabalho, sobretudo o *Declínio e queda*,<sup>52</sup> ele nos deixou suas *Memórias*,<sup>53</sup> onde esclarece de próprio punho aspectos de sua vida e de sua grande obra. Nós temos, portanto, a oportunidade de confrontar algumas de suas convicções, afirmadas enquanto princípio, à sua aplicação mais sutil na construção do *Declínio e queda*. É isto o que nos ocupará aqui, e não a vida de Gibbon em si, que foi objeto de tantas biografias de qualidade.<sup>54</sup>

Gibbon é um burguês, filho e neto de burgueses, e portanto um herdeiro. Ele é orgulhoso disto, tem plena consciência de ser um privilegiado, e possui uma consciência de classe muito aguda:

(...)meu pai recebeu os benefícios de uma educação liberal, a que convém a um erudito e a um fidalgo.” (Mem., p. 45)

---

<sup>51</sup> M. BARIDON in E. GIBBON (1983), v. 1, p. VI.

<sup>52</sup> E. GIBBON (1983).

<sup>53</sup> E. GIBBON (1992).

<sup>54</sup> Para uma bibliografia exaustiva, ver M. BARIDON (1977).

Seu pai é apenas um elo na cadeia da transmissão dos bens familiares, pois é de seu avô, enriquecido no comércio, que vem a riqueza dos Gibbon.<sup>55</sup> Seu pai é um imprevidente e isto inquieta tanto que o avô toma as disposições necessárias para que o nosso autor, seu neto, não fique arruinado. A gestão dos bens é assim largamente retirada do alcance do pai, que, ainda assim, com suas dívidas, consegue devorar uma parte da herança. Gibbon é portanto um herdeiro que precisa se preocupar com o que é seu, mas um herdeiro de qualquer forma, para o qual não se deve mudar demais a ordem das coisas. Ele deplora a imprudência do seu pai:

“Raros são os espíritos cujos recursos permitem suportar o peso da desocupação e não se deve duvidar de que, caso ele pudesse ter seguido o caminho do seu próprio pai, o de uma atividade mercantil, meu pai teria sido um homem mais feliz e seu filho um homem mais rico.” (Mem., p. 57)

Gibbon partilha as grandes causas da sua época; seu combate contra o fanatismo não se restringe ao *Declínio e queda*. Comentando um livro de Law, ele diz:

Os fogos do Inferno e a danação eterna se projetam de cada página do livro; e é seguramente um fato inédito que os fanáticos que apregoam com a maior veemência o amor de Deus sejam os mesmos que lhe retiram todos os seus amáveis atributos. (Mem., p. 52)

Esta tolerância de Gibbon acompanha o seu ódio aos preconceitos, sua fé no progresso:

De pelo menos uma doença perigosa, a pequena varíola, eu fui curado pela prática da inoculação, método muito recentemente introduzido na Inglaterra e combatido pelos preconceitos médicos, religiosos e até políticos. (Mem., p. 61)

Nascido em 1737, ele perde sua mãe em 1746, muito jovem. Esta morte, e sua partida para a escola, marcarão o jovem Gibbon, que manifestará toda a vida seu apego a um lar confortável e acolhedor. O gosto pelos interiores confortáveis e por um luxo

---

<sup>55</sup> M. BARIDON (1977), p. 19 *sq.*

honesto serão uma constante. Gibbon se lembra assim do momento em que deixou sua casa para ir à escola:

(...) entretanto não há, em todo o curso da existência, uma mudança mais impressionante do que o momento em que a criança deixa a liberdade e o luxo reinantes numa casa afortunada e passa ao regime frugal e à disciplina estrita e hierárquica de uma escola, quando ele passa da ternura dos seus pais e da obsequiosidade dos domésticos à brutal familiaridade dos seus iguais, à insolência tirânica dos mais velhos e talvez à vara de um pedagogo cruel e cheio de caprichos. (Mem., p. 66)

Gibbon tem uma visão sombria da escola:

Esta felicidade (da infância) eu não conheci jamais (...) Uma escola é uma caverna de angústia e sofrimento. (Mem., p. 79-80)

Há, entretanto, um aspecto da sua opinião sobre a escola que é recorrente em toda a sua reflexão:

O comércio independente com os seus iguais estimula insensivelmente o crescimento dos hábitos de verdade, coragem e prudência. (Mem., p. 72)

Este é um dos numerosos testemunhos de Gibbon acerca das virtudes da vida social. Nós vimos, por exemplo, com que ardor ele investirá contra os eremitas, no *Declínio e queda*. Para Gibbon, vida social e civilização são inseparáveis.

Em abril de 1752, ele entra em Magdalen College, Oxford. Oxford está, nesta época, é verdade, num estado lastimável.<sup>56</sup> Mas a experiência de Gibbon é desastrosa além de qualquer previsão:

(...) foram os quatorze meses mais desocupados e vão de toda a minha vida. (Mem., p. 84)

A Universidade no seu conjunto parece a ele um meio anacrônico:

Sua disciplina, na origem, servia à educação dos padres e dos monges: a direção ainda está a cargo do clero, cujos usos e costumes estão muito afastados do mundo atual, e que são ofuscados pela luz filosófica. (Mem., p. 85)

---

<sup>56</sup> M. BARIDON in E, GIBBON (1983), v.1, p. XIV.

Gibbon ataca, como bom burguês, o “monopólio”, causa do espírito “estreito, indolente e tirânico”, e denuncia “estas orgulhosas corporações”. E, para apoiar seu julgamento, ele cita (nem mais nem menos) Adam Smith:

Entretanto, a todas estas questões, não podemos dar senão uma única e breve resposta de que “na Universidade de Oxford a maioria dos professores públicos renunciou há muitos anos a sequer fingir que ensinam”. Apesar do insólito da afirmação, eu apresento como prova o testemunho positivo e imparcial de um filósofo que residiu ele próprio em Oxford. O Dr. Adam Smith vê a causa desta indolência no fato de que ao invés de serem pagos pelas contribuições voluntárias, que os incitariam a multiplicar o número de seus alunos e a merecer sua gratidão, os professores de Oxford desfrutam tranqüilamente de uma pensão fixa, sem precisar trabalhar nem temer um controle. (Mem., p. 85)

Afirmção *plus vraie que nature*, em se tratando de Adam Smith, e, para falar como Gibbon, eu deixo ao leitor o cuidado de julgá-la, de acordo com suas próprias convicções...

Gibbon, o destruidor de preconceitos, é com freqüência vítima dos seus preconceitos de classe. Eles o levam a considerar os outros como seus empregados ou domésticos; acerca do seu novo (o segundo) tutor em Oxford, ele diz:

O Dr. Winchester se lembra muito bem que lhe devemos um salário, mas não se lembra que tinha um dever a cumprir. (Mem., p. 94)

Gibbon chega a se queixar de não ter sido vigiado de perto e punido, o que, por parte de um intelectual tão apegado à liberdade pessoal, não deixa de nos surpreender. Seu gosto pela sociedade brilhante não encontra satisfação em Oxford:

A monotonia da vida de claustro me levava a constantemente vagabundear aqui e ali.

E ele se queixa, para se desculpar retroativamente é claro, da não vigilância religiosa:

Deste desdém quase incrível deveriam resultar as piores catástrofes. Desde a infância, eu gostava da controvérsia religiosa: mais de uma vez eu tinha confundido minha tia com minhas objeções aos mistérios nos quais ela se esforçava em acreditar; e esta mola enérgica não tinha sido completamente quebrada pela pesada atmosfera de Oxford. A atividade cega da desocupação me incitou a avançar, desarmado, nos perigosos labirintos da especulação e eu caí, na idade de dezesseis anos, nos erros da Igreja de Roma. (Mem., p. 95)

Observamos aqui, nesta “confissão”, a atração precoce pelas querelas religiosas, que em parte será a responsável por sua celebridade, mas que, enquanto isso, já começava a lhe trazer complicações.

De qualquer forma, este é um ponto de suas memórias em que ele se sente vulnerável, depois de tudo que escreveu sobre ou contra o cristianismo em geral e o catolicismo em particular. Ele compara suas aventuras às de um Pierre Bayle, ele também convertido ao “papismo” (em Toulouse), mas que escapou:

Mas a natureza o tinha destinado a pensar como ele quisesse e a dizer o que pensava: a excessiva veneração das criaturas ofendia sua piedade; o estudo da física o convenceu da impossibilidade da Transsubstanciação(...) (Mem., p.103)

A oposição entre liberdade natural e ciência de um lado, e a fé do outro, é um dos pilares do pensamento gibboniano.

Acerca de Bayle ainda, que examinava as controvérsias religiosas em Roterdam, “exilado, indigente, mas livre”, ele diz que:

(...) ele concluiu habilmente que o costume e a educação constituem o único fundamento da fé popular. O antigo paradoxo de Plutarco, “o ateísmo é menos nocivo que a superstição”, adquire uma energia multiplicada quando seu espírito o orna de suas cores e a sua lógica da sua acuidade. (Mem., p. 104)

E ele cita a expressão de Bayle dirigida ao cardeal de Polignac: “Eu sou no sentido estrito da palavra um protestante, ele declara, pois eu protesto indiferentemente contra todos os sistemas e todas as seitas”. E, à leitura de sua obra, nós ficamos de fato tentados a acreditar nesta afirmação.

Esta conversão ao catolicismo provoca sua expulsão de Oxford (1753) e põe em perigo toda a família, numa Inglaterra em que a *Glorious Revolution* esteve longe de garantir uma total liberdade de opinião.<sup>57</sup> A solução encontrada pela família foi a de enviá-lo a Lausanne, para a casa do pastor calvinista Daniel Pavilliard. Além da distância, a Suíça tinha duas outras vantagens: uma sólida tradição de resistência polêmica ao catolicismo vizinho e também... um custo de vida que permitiria a continuidade da educação do jovem Gibbon, sem que isso fosse ruinoso para uma família que, ainda que rica, não podia se permitir gastos ilimitados.

Gibbon passará em Lausanne cinco anos (1753-1758) que marcarão para sempre sua existência. No início, a simplicidade suíça choca o burguês inglês:

(...) o apetite de um jovem poderia ter perdoado a inelegância da louça, mas sua fome estava longe de se satisfazer com a magreza dos pratos cotidianos e mais de um dos sentidos ficava chocado com a aparência da mesa, coberta durante oito dias sucessivos com a mesma toalha. (Mem., p. 111)

A rua, a casa, os móveis, a ausência de um camareiro, tudo para ele parecia desconfortável. Mas há aqui uma simetria (traço essencial da sua escrita clássica) com Oxford. A primeira impressão (boa na Inglaterra, ruim na Suíça) será invertida num segundo momento. Seu tutor, M. Pavilliard, não é, na sua opinião, brilhante:

Mas ele era dotado de uma cabeça clara e de um coração caloroso; seu caráter acolhedor por natureza tinha temperado o espírito eclesiástico; ele era racional porque era moderado. (Mem., p. 114)

Gibbon nuança ao infinito a sua oposição de base: aqui, isto toma a forma do conflito entre razão inata e espírito eclesiástico.

Depois daquele interesse infantil, com Pavilliard (que, apesar do julgamento desfavorável de Gibbon, era responsável pelo ensino

---

<sup>57</sup> M. BARIDON (1977), p. 258.

de história na Academia de Lausanne desde 1747),<sup>58</sup> seu gosto pela controvérsia vai mais uma vez desabrochar:

Pavilliard não perdia de vista que sua primeira tarefa, seu dever mais importante, consistia em me arrancar dos erros do papismo; a mistura de seitas multiplicou a habilidade e o saber do clero suíço em matéria de controvérsia religiosa. (Mem., p. 115)

Após dois anos de estudos com Pavilliard, Gibbon faz, em sua companhia, uma viagem de um mês pela Suíça. Além dos espetáculos da natureza:

O espetáculo político do país não é menos diverso, em relação às formas e ao espírito das repúblicas tão numerosas, que vai do governo exclusivo de um pequeno grupo até à liberdade licenciosa da multidão. (Mem., p. 122)

Ora, os seis esboços que se tornarão mais tarde as suas *Memórias*, organizadas por Lord Sheffield, foram escritos entre 1788 e 1791, durante a tormenta revolucionária na França. Estes acontecimentos consolidaram a desconfiança que Gibbon nunca deixou de sentir em relação à ação política das massas.<sup>59</sup>

As passagens em que suas opiniões políticas tendem à “moderação” e ao “justo meio” são de mesma natureza que suas opiniões sobre a moderação como fonte de independência e de lazer:

(...) eu me inclino a examinar em algumas palavras o estado de minha situação pessoal, pois estou persuadido de que, mais indigente ou mais rico, eu não teria disposto do tempo ou da perseverança necessários à preparação e execução de minha volumosa história. (Mem., p. 133)

Gibbon é obcecado pela sua independência material. Seu pai é freqüentemente acusado por ele de impecuniosidade, como vimos, e sabemos também que só a maioria do jovem Edward poderia desbloquear a situação do seu pai, através de seu acordo para a liquidação de alguns bens, a fim de saldar dívidas. Tudo isso é

---

<sup>58</sup> A. BIELMAN (1987), p. 19.

<sup>59</sup> M. BARIDON (1977), p. 19, 229, 399, 560, 616.

acompanhado de alguns cálculos mesquinhos. Depois de cinco anos, sua reconversão, seus progressos intelectuais, ele deve retornar à Inglaterra:

A época da minha chamada tinha sido tão precisamente calculada que eu chegava a Londres três dias antes da maioridade. (Mem., p. 134)

Em 1758, ele volta à Inglaterra, onde levanta uma hipoteca em troca de uma pensão anual que possa assegurar a tranqüilidade necessária a seu trabalho. Ele rompe definitivamente a relação com Suzanne Curchod, a futura Mme. Necker, por injunção de seu pai, (muito) rapidamente acatada.

Gibbon, na sua nova vida, tentará estabelecer o equilíbrio que lhe era caro entre a vida social (quer estivesse em Lausanne, Paris ou na Inglaterra) e seu trabalho de gabinete. Nos momentos em que este equilíbrio foi rompido, ele se queixa, qualquer que seja a razão aliás; por causa das solicitações dos familiares ou vizinhos ingleses que chegavam para visitas matinais que lhe roubavam preciosos momentos de trabalho, ou inversamente, quando lhe faltavam ocasiões de reunião social:

“Enquanto as viaturas desciam Bond Street fazendo barulho, eu passava mais de uma noite solitária em companhia de meus livros no meu apartamento.” (Mem., p. 139)

Não apenas a vida social era para ele, de um ponto de vista filosófico, civilizadora, como vimos, mas ela tinha também uma outra importância fundamental: era dela que Gibbon retirava sua legitimidade intelectual.<sup>60</sup> Ele não podia reivindicar uma inserção na Igreja, na política (salvo episodicamente) ou na Universidade. Só restavam a ele seus leitores e os Salões. Isto lhe garantia uma total liberdade de opinião, e explica suas audácias; mas era necessário que encontrasse o tom justo entre o que queria dizer e o que o seu público queria escutar. Esta era a condição do seu sucesso.

A volta à Inglaterra agrada a Gibbon:

---

<sup>60</sup> P. GAY (1990), p. 27.

O gosto e a prudência da Sra Gibbon [seu pai tinha se casado de novo] presidiam a economia da casa; ela tirava algum orgulho da elegância dos seus jantares ocasionais; da avareza um pouco suja de Mme. Pavilliard eu estava de repente transportado à limpeza cotidiana e ao luxo de uma mesa inglesa. (Mem., p. 140)

Ele viverá então anos incertos nos quais busca o seu caminho. Vários meses de serviço na Milícia do Hampshire (1762), com os seus clássicos no bolso; publicação do seu *Ensaio sobre o estudo da literatura* (1761), escrito em francês, e que se constitui numa defesa dos gostos clássicos; viagens de alguns meses, sucessivamente a Paris, Lausanne, e uma grande volta pela Itália (1764). Ele trabalhará sobre muitos temas, abandonará outros, como a *História da liberdade dos Suiços*, mas é só depois da morte de seu pai (1770) que ele começará a elaboração (em 1773) do *Declínio e queda*. Entrementes, ele afina o seu método de aprendizado:

Eu estava então apto a compreender a contribuição exata do autor à minha própria cultura; e se me ocorria me regozijar da correspondência entre nossas idéias, eu por vezes era estimulado pela sua oposição. Os companheiros favoritos do meu lazer eram os nossos escritores ingleses desde a Revolução; ele respiram o espírito da razão e da liberdade (...) (Mem., p. 144)

Sempre estimulado pela contradição, ele não deixará de querer provocar o mesmo estímulo nos seus leitores...

A aversão de Gibbon pela religião<sup>61</sup> não se apagará jamais; até num texto do fim de sua vida, quando poderíamos esperar mais moderação, ele não deixa passar a ocasião de exprimir muito bem sua oposição:

A última revisão do meu ensaio antes de sua publicação me tinha incitado a examinar o *Da natureza dos Deuses*; minhas pesquisas me levaram à *História crítica do maniqueísmo* de Beausobre, que

---

<sup>61</sup> M. BARIDON (1977), p. 117.

analisa vários grandes problemas da teologia pagã e cristã; a partir desse rico tesouro de fatos e opiniões, eu tirei minhas próprias conclusões, ultrapassando o perímetro sagrado do autor. (Mem., p. 168)

Ou ainda, falando sobre o encontro, charmoso, com Mme. Bontemps, em Paris:

(...) desde esta primeira entrevista, nós sentimos uma simpatia que banii qualquer reserva e nós abrimos nossos corações. Em todos os sentidos, em qualquer circunstância, Mme. B. era uma companhia amável e sensata: uma autora despreocupada com as honras literárias, uma crente desprovida de fel religioso. (Mem., p. 182)

A fria parcimônia dos protestantes rejeita a ornamentação supérflua; ao contrário, a superstição católica, sempre inimiga da razão, engendra com freqüência o gosto. (Mem., p. 179)

Estas últimas passagens mostram um Gibbon sempre dividido entre os dois pólos da sua personalidade: necessidade de crítica, filosofia, contestação provocadora, que ele encontrava na cultura francesa da sua época; e necessidade de ordem e respeitabilidade, que ele encontrava na sua Inglaterra natal.<sup>62</sup> Não é à toa que a Suíça adquire os favores do seu coração e da sua razão; ela é uma espécie de “justo meio” entre os dois.

Observemos, de passagem, que nas suas viagens entre a Inglaterra e Lausanne, ele pára várias vezes em Besançon, onde reside seu primo Acton (Mem., p. 182)

Gibbon faz, em 1764 uma longa viagem pela Itália. De passagem em Pádua, ele diz:

A Universidade de Pádua é uma flama expirante. (Mem., p. 190)

Gibbon é um estrangeiro às universidades: Oxford o desgostou; em Lausanne ele foi instruído por Pavilliard. Sua verdadeira pátria intelectual, foram as sociedades cultas,<sup>63</sup> tais como a Academia das Inscrições e Belas Letras. Para sabermos até que ponto isto é verdade basta lembrar sua alegria em pagar vinte libras por uma coleção da Academia, para ele fonte inesgotável de erudição e prazer racional.

<sup>62</sup> *Ibid.*, p. 229.

<sup>63</sup> P. GAY (1990), p. 43.

Tendo chegado finalmente a Roma, ele fica emocionado:

Eu não sou muito inclinado ao entusiasmo e eu sempre me recusei a afetar uma alegria que não sentisse de fato. Não obstante, vinte e cinco anos mais tarde, eu não posso nem esquecer nem exprimir as poderosas emoções que agitavam meu espírito ao me aproximar e ao entrar na *cidade eterna*. (Mem., p. 189)

Gibbon era talvez o viajante mais bem preparado de todos os tempos para chegar a Roma, tendo em vista suas imensas leituras. Mas o resultado ultrapassa largamente todas as expectativas, e vai decidir o resto de sua vida:

Os benefícios das viagens ao estrangeiro dependem portanto do grau destas diversas qualificações; ao menos os que me conhecem não me acusarão de fazer aqui o meu próprio panegírico. Resta que o historiador do *Declínio e queda* não deve lamentar o tempo nem a despesa gastos nesta viagem, pois é a descoberta da Itália e de Roma que decidiram a escolha do meu tema. O lugar e o momento da concepção estão anotados no meu diário: no dia 15 de outubro de 1764, ao cair do sol, enquanto eu escutava, com o espírito distante, na igreja dos Zoccolanti os irmãos de São Francisco cantar vésperas no templo de Júpiter nas ruínas do Capitólio. (Mem., p. 192)

Visão decisiva, com efeito, para quem vai escrever o triunfo da religião (cristã) e da barbárie, esta imagem dos monges que ele despreza “ocupando” um antigo templo de Júpiter no próprio centro da civilização pagã.<sup>64</sup>

A visão define o seu tema, mas serão necessários ainda alguns anos para que ele empreenda ( a partir de 1773) o *Declínio e queda*. Após a morte do seu pai (1770), ele paga diversas dívidas, sacrificando uma das melhores partes dos seus bens (ações), intala-se no 7 Bentinck Street (1772), e pode então começar a trabalhar num ambiente de conforto burguês:

Eu tinha então alcançado os confortos materiais da vida, uma casa cômoda e bem mobiliada, uma mesa copiosa, uma meia dúzia de domésticos bem escolhidos, minha própria viatura e todos estes luxos elegantes que apreciamos tanto melhor quanto mais tempo desfrutamos deles. (Mem., p. 213)

---

<sup>64</sup> P. GAY (1966), p. 58.

O que hoje em dia pode nos parecer excessivo, não aparecia a ele senão como uma situação média, necessária ao trabalho intelectual:

Há poucas obras de mérito e de importância que tenham sido criadas numa mansarda ou num palácio. (Mem., p. 212)

Instalado, ele busca seu estilo, pois para ele “o estilo é a imagem do caráter” (Mem., p. 25):

O estilo de um autor deve refletir seu espírito, enquanto que o gosto e o domínio da linguagem são os frutos do exercício. Eu tive que proceder a mais de uma tentativa antes de encontrar um tom intermediário entre a crônica monótona e a declamação retórica. (Mem., p. 214)

E é aqui justamente, no que ele chama o seu “estilo”, que reside o segredo de Gibbon;<sup>65</sup> sobre a base sólida de “materiais variados”, ele se situa entre a erudição das Academias (cujo perigo era cair na crônica monótona, ou seja, na erudição pela erudição) e a história filosófica cara ao século XVIII (cujo perigo era de se tornar um discurso inchado, vazio de conteúdo e, sobretudo, inverificável pelo seu hábito de não se referir às fontes). A um Voltaire que exclamava “*Malheur aux détails*”, Gibbon parecia responder: “Viva o detalhe significativo”.

Gibbon encontra, portanto o seu estilo; mas certos capítulos trazem maiores dificuldades:

(...) mas quanto aos capítulos XV e XVI, três revisões sucessivas reduziram seu tamanho do de um grosso volume às suas dimensões atuais; poderíamos ainda condensá-los sem prejudicar a descrição dos fatos e os sentimentos exprimidos. (Mem., p. 45)

Mesmo tantos anos mais tarde, ele refletia ainda sobre o que tinha feito, e o que poderia ter feito, nos célebres capítulos sobre o cristianismo. Mas também sobre o conjunto do livro:

---

<sup>65</sup> A. MOMIGLIANO (1983), p. 324 *sq*; P. GAY (1990), p. 43.

Eu tinha escolhido um tema ilustre; Roma é familiar ao estudante e ao homem de Estado; meu relato se apoiava sobre os últimos resultados da erudição clássica. Eu me gabava também de que um século de Luzes e de liberdade receberia sem emoção uma enquete sobre as causas *humanas* do progresso e do estabelecimento do cristianismo. (Mem., p. 216)

O sucesso do livro é imenso e imediato. As críticas são muito favoráveis:

(...) eu devo acrescentar que nenhum latido de crítica *profana* vinha perturbar este coro unânime. (Mem., p. 217)

Mas as reações cristãs são violentas:<sup>66</sup>

Tivesse eu suposto que a maioria do público inglês era tão apaixonadamente ligada ao nome e ao reflexo do cristianismo; tivesse eu previsto que o devoto, o temeroso e o prudente se emocionariam, ou fingiriam se emocionar com uma sensibilidade tão refinada, eu talvez tivesse abrandado os dois capítulos chocantes que deviam me trazer tantos inimigos e conciliar poucos amigos. Mas o traço estava dado, o alerta desencadeado e eu não pude a não ser me felicitar pelo fato de que os nossos padres não dispunham de meios de perseguição além dos seus clamores acrimoniosos. (Mem., p. 219)

“Talvez” ele tivesse mudado algo, mas ele não o fez,<sup>67</sup> senão de forma parcial na redação dos capítulos seguintes, sobre Constantino e Juliano, mas voltando à carga nos capítulos finais, extremamente violentos, sobre as relíquias, os milagres e os monges. Mas é interessante, de qualquer forma, vê-lo confessar que, no momento dos fatos, ele sentiu o golpe da reação:

Que se me permita reconhecer francamente que estas primeiras rajadas de artilharia eclesiástica me assustaram. (Mem., p. 220)

Durante esta época, entre 1774 e 1780, ele foi deputado na Câmara. Sobre esta experiência no Parlamento, ele diz que ela foi:

---

<sup>66</sup> M. BARIDON (1977), p. 152.

<sup>67</sup> GUIZOT in E. GIBBON (1983), v.1, p. XXXIX.

(...)para mim uma escola de sabedoria civil, primeira virtude, e a mais essencial, do historiador. (Mem., p. 216)

Na Câmara, Gibbon escutava muito mais do que falava e, ele que amava a contradição, deve ter se divertido com as freqüentes altercações nesta época confusa que viu a Declaração de independência das colônias da América do Norte e a guerra. Um pouco à imagem que ele construiu no seu relato sobre Juliano, convidando ao palácio os chefes das seitas opostas para desfrutar do espetáculo de suas altercações. Em todo caso, Gibbon, *whig* do ponto de vista intelectual, era conservador em política,<sup>68</sup> e deu apoio à política de Lord North, apesar de ser sempre cético quanto às suas chances de sucesso. Ele viveu todos estes acontecimentos como um declínio, e não é um fato sem conseqüências que ele tenha vivido enquanto cidadão e político o declínio do primeiro império britânico, no próprio momento em que redigia, enquanto historiador, o livro sobre o declínio do império romano.

O fim do seu mandato, em 1780, coincide com o clima político muito tenso:

(...) e os incêndios de Londres - de dois de junho, etc. - acesos por um louco malfeitor, advertiram todos os homens sensatos sobre os riscos que havia em se apelar ao povo. (Mem., p. 222)

Gibbon tem uma extrema desconfiança em relação ao papel das massas em política, que o levará a se alinhar com as posições de Burke, contra a Revolução francesa,<sup>69</sup> e imaginar até ir embora da Suíça em caso de agitação. Ele deplora certos ecos do movimento francês na Suíça:

algumas comunidades parecem contaminadas pelo mal francês (...) pelo tempo em que a aristocracia de Berna proteger a felicidade, é supérfluo se perguntar se ela se funda sobre os direitos do homem. (Mem., p. 239)

Mas, antes que a turbulência revolucionária comece, Gibbon escreve os volumes II e III do *Declínio e queda* (1781), o volume IV (1783)

---

<sup>68</sup> M. BARIDON (1977), p. 399.

<sup>69</sup> M. BARIDON in E. GIBBON (1983), v.1, p. XXII.

e, já de volta à Lausanne e instalado, para a sua “aposentadoria”, na casa do seu amigo Deyverdun, os volumes V e VI. Os últimos três volumes são publicados em Londres em 1788, às vésperas da Revolução. Ele voltará a Londres pouco antes de morrer, em 1794.

Gibbon terá ainda tempo de apreciar as reações ao restante da sua obra:

Minha história eclesiástica respirava sempre o mesmo odor de liberdade: mas o zelo protestante se preocupa menos com personagens e controvérsias dos séculos IV e V. Meu silêncio obstinado tinha arrefecido o ardor dos polemistas (...) e em geral apreciou-se o equilíbrio imparcial que eu mantive entre as virtudes e os vícios de Juliano. Apenas algumas observações acerbas dos católicos italianos (...) (Mem., p. 223)

Ele fala (Mem., p. 232) com alívio mas também com melancolia do fim do seu trabalho, que tinha sido seu companheiro de (1773 a 1787) quinze anos ! Mas ele se mostra plenamente satisfeito com o resultado:

A conclusão da minha obra parece ter causado sensação; se muitos a leram, os julgamentos emitidos a seu respeito diferiam. Criticou-se freqüentemente o estilo nos meios acadêmicos; a querela religiosa se reacendeu; enfim, os censores rígidos da moral denunciaram com barulho uma certa indecência. Entretanto, no conjunto, a *História do declínio e da queda* parece ter fincado raízes tanto na Inglaterra quanto no exterior e pode ser que ela ofusque ainda daqui a um século. (Mem., p. 235)

Um século, não; já são dois, e sem dúvida por muito tempo ainda.

**BIBLIOGRAFIA**

- M. BARIDON (1977), *Edward Gibbon et le mythe de Rome. Histoire et ideologie au siècle des Lumières*. Paris, Champion.
- A. BIELMAN (1987), *Histoire de l'histoire ancienne et de l'archéologie à l'Université de Lausanne, 1537-1987*. Lausanne, Université de Lausanne.
- J.-M. DEMAROLLE (1977), La redécouverte de Julien l'Apostat à la Renaissance, in R. CHEVALLIER (ed.), *L'influence de la Grèce et de Rome sur l'Occident moderne*. Paris, Les Belles Lettres, p. 87-100.
- L. FEBVRE (1974), *Le problème de l'incroyance au XVIe siècle. La religion de Rabelais*. Paris, Albin Michel.
- P. GAY (1990), *O estilo na História*. São Paulo, Companhia das Letras.
- P. GAY (1967), *The enlightenment: an interpretation. The rise of modern paganism*. Londres, Weidenfeld and Nicolson.
- E. GIBBON (1983), *Histoire du déclin et de la chute de l'Empire Romain*. Tradução Guizot. Paris, Robert Laffont.
- E. GIBBON (1992), *Mémoires*. Tradução G. Villeneuve. Paris, Criterion.
- J.-M. GOULEMOT (1986), Diderot mythologique (La mythologie dans les Salons), *La mythologie, clef de lecture du monde classique*. Tours, tomo II, p. 423-431.
- J.-M. GOULEMOT (1977), Éléments pour l'analyse du texte Brutus au XVIIIe siècle, in R. CHEVALLIER, *Influence de la Grèce et de Rome sur l'Occident moderne*. Paris, Les Belles Lettres, p. 201-213.
- J. LE GOFF (1988), *Histoire et mémoire*. Paris, Gallimard.
- N. MAHÉ (1992), *Le mythe de Bacchus*. Paris, Fayard.
- P.-M. MARTIN (1977), Présence de l'histoire romaine dans la Révolution Française, in R. CHEVALLIER (ed.), *Influence de la Grèce et de Rome sur l'Occident moderne*. Paris, Les Belles Lettres, p. 215-226.
- A. MICHEL (1986), La mythologie chez Vico, *La mythologie, clef de lecture du monde classique*. Tours, tomo II, p. 411-417.
- A. MOMIGLIANO (1983), *Problèmes d'historiographie ancienne et moderne*. Paris, Gallimard.

---

H. PARKER (1937), *The cult of Antiquity and the French revolutionaries*. Chicago.

T. SCHLEICH (1986), Mably e le antiche costituzioni, *Quaderni di storia*, 23, p. 173-197.

J. SEZNEC (1993), *La survivance des dieux antiques. Essai sur le rôle de la tradition mythologique dans l'humanisme et l'art de la Renaissance*. Paris, Flammarion.

P. VIDAL-NAQUET (1990), *La démocratie grecque vue d'ailleurs*. Paris, Flammarion.

M. VOVELLE (1978), *Piété baroque et déchristianisation en Provence au XVIIIe siècle*. Paris, Seuil.